

TORGA, Miguel (1975). *Novos Contos da Montanha*. 6ª edição. Coimbra.

Viagem a um reino maravilhoso

Cátia Patrícia Cunha

Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Bragança

catinha_1990@live.com.pt

Adolfo Correia da Costa, nascido a 12 de Agosto de 1907 em São Martinho de Anta, foi um dos muitos trasmontanos que, deixando cedo os estudos, emigrou para o Brasil, onde viria a trabalhar na apanha do café, na fazenda de um tio seu. Alguns anos depois regressa ao seu país de origem, matricula-se em 1928 na Universidade de Coimbra, e no mesmo ano lança o seu primeiro livro de poesia: *Ansiedade*. Lança, anos depois, um livro em prosa, *A Terceira Voz*, e é neste momento que surge Miguel Torga, o pseudónimo escolhido pelo poeta, homenageando os seus ídolos escritores espanhóis (Miguel de Cervantes e Miguel Unamuno) e a planta urze (também chamada ‘torga’) que predominava na sua terra natal.

Segundo Jorge (2014), o poeta, dois anos depois participa no lançamento da Revista Manifesto (...). A partir daí afasta-se dos grupos literários dedicando-se à medicina e à produção literária. No ano de 1944 publica o livro *Novos Contos da Montanha*, uma coletânea de 22 contos em prosa. Este apresenta-se como uma obra em boa parte neorrealista, inserida no género literário do conto, apresentando em cada história um universo de seres e acontecimentos que correspondem a figuras e situações passíveis de ser reais, um narrador heterodiegético, e um enredo independente, de conto para conto. Todos eles desenvolvem uma história, sendo possível identificar um clímax em cada uma delas.

Esta obra dá seguimento à anterior, *Contos da Montanha* (1941), tendo por cenário comum a natureza e um ambiente social que se encontrava na memória íntima do autor enquanto petiz. É o próprio autor que nos fala da existência de um “Reino maravilhoso”, como se cada leitor pudesse ser capaz de viajar até ele em cada palavra que avança.

Ao longo da leitura, podemos perceber que se baseou no seu passado, já que todos os contos são um reflexo da sociedade do interior norte de Portugal na época do Estado Novo, sendo realçado o genuíno habitante da montanha, as paisagens trasmontanas e o ambiente pobre e rústico das aldeias, possuindo personagens de vida sofrida, com virtudes, vícios e defeitos, onde ressalta a tradição cultural da época em que, apesar de parecerem parte de uma história inventada, trazem consigo uma mensagem e valores capazes de transformar uma realidade localizada numa outra de cariz universal. Outros temas que predominam na obra são: o

Homem e as suas relações controversas ou harmoniosas com a terra e o mundo, bem como a morte e a solidão, sinal de consciência do escritor acerca da brevidade humana e mais uma vez da sua amplitude universal.

Presume-se que o espaço temporal histórico dos contos seja os meados do século XX, apesar de todos eles possuírem temas que tanto podem enquadrar-se num tempo ido, como na atualidade, apresentando desta forma características intemporais. No que toca ao tempo cronológico, este varia consoante cada um dos contos da coletânea. O autor opta, ainda, por usar diversas vezes a técnica da analepse no discurso, isto é, cria certas interrupções na sequência cronológica narrativa, intercalando-a com eventos ocorridos anteriormente.

Predomina claramente a narração, como é habitual nos contos, devendo referir-se que esta obra tem excertos de descrição, sobretudo das personagens e do ambiente, e apresenta diálogos e monólogos predominantemente curtos e sintéticos. Referindo-nos, por fim, aos recursos expressivos, verificamos que Miguel Torga recorre muitas vezes à comparação, normalmente usando-a entre pessoas e animais (“Parece um rato a sair do buraco”); ainda mais à metáfora (“...governa a vida na lavoura que a terra permite.”); à personificação e hipérbole, permitindo ao autor dar vida a seres inanimados da sua infância; e à dupla e tripla adjetivação (“...doce, novo, muito puro (...).”), utilizada como modo de realçar pequenos pormenores importantes. Estas opções não terão sido de todo feitas ao acaso, pensamos que lhes deu uma intencionalidade própria para conseguir transmitir de uma forma mais simples e clara a sua mensagem, ao mesmo tempo que permitiria ao leitor transportar-se mentalmente para a ação, possibilitando-lhe vivenciar factos e acontecimentos - quem sabe? - vividos de perto pelo próprio Miguel Torga.

O autor faz também em todos os contos uma referência à natureza e à forma como o homem se relacionava com ela, num tempo anterior ao nosso, e a importância que esta tinha na vida das pessoas. Sem dúvida, que hoje em dia não é assim e, por isso, a partir daí podemos tirar uma lição de vida. Será que agora não estamos a abandonar o que até então tínhamos de melhor? Esta coletânea de contos chama-nos a atenção para a necessidade de darmos valor àquilo que realmente é importante.

Referências:

Torga, M. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1.ª edição. Coimbra: Edição do Autor

Jorge, L. (2014). Biografia de Miguel Torga. <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=260> (Acedido em 26/02/2014).

Porto Editora. (2014) *Novos Contos da Montanha*. [http://www.infopedia.pt/\\$novos-contos-da-montanha;jsessionid=iHCr9ySNJSnj4DoxR+DfLQ](http://www.infopedia.pt/$novos-contos-da-montanha;jsessionid=iHCr9ySNJSnj4DoxR+DfLQ) (Acedido a 5/03/2014).